**Editorial**

O diálogo sobre as emergências climáticas há muito deixou de ser mais uma temática de pesquisa restrita a campos específicos e a discussões de difícil acesso ao cidadão fora do meio acadêmico, passando a ser algo necessário à própria episteme que permeia as ações necessárias à sobrevivência humana. As tentativas neste sentido vêm crescendo tal qual o ímpeto de organizações e sociedades em fazer o que podem para mitigar as tragédias já em curso. Há, é bem verdade, uma infinidade de pontos correlatos que regem os rumos da política ambiental: sejam as velhas estruturas de ganhos relativos ou os novos mercados e tecnologias. No entanto, para quaisquer direções que se olhem, o *ethos* capitalista continua tão forte quanto sempre foi na era moderna. Os cenários atuais, portanto, lidam com disputas de interesses e prospecções de cunho exacerbadamente lucrativos sob lógicas similares ao que já se via em outros anos. As diferenças tendem a residir mais no como tais lógicas de acumulação estão sendo operacionalizadas frentes a legislações mais atualizadas.

Este dossiê nasceu de uma inquietação de produzir algo que dialogasse com o cenário climático brasileiro, cada vez mais impactado pelas mudanças físicas ocorridas não só aqui, mas no mundo todo. Seus trabalhos conversam com tais realidades, buscando, cada qual à sua maneira, propor reflexões sobre o que se foi e está sendo feito, e o que cabe a nós, enquanto sujeitos afetados, fazer para minimização dos danos. Com enfoques sociais e políticos, este conjunto de produções olha para cenários diversos e tentar inspirar nos leitores um senso ético de responsabilidade socioambiental. Afinal, todos nós somos partes ativas dos destinos que nossas comunidades enfrentarão frente à crise climática. A pergunta é: estamos prontos para nos adaptar aos papeis que são esperados de nós nesta luta?

Organizadores:

Ayolsé Pires

Israel Mawete

Magayo Alves